

Socorro! Estou sem tempo.

*Henrique Pinto **

Fizeram-nos crer que a felicidade consistia em colocar este mundo (e um outro) num saco de compras e levá-los para casa.

Há hoje uma pobreza que é transversal a todos: não a falta de comida, de roupa, de dinheiro, de trabalho, mas a falta de tempo presente e futuro, que não é tempo para fazer voluntariado ou de entrega aos outros, mas tempo que é fundamental à imaginação e recriação de cada um na resposta às suas necessidades e às da sua comunidade.

Um dos premiados de 2016 com o Nobel da Física falava do quão importante é para a física a imaginação. Hipotecados, endividados, Portugal e os que aqui residem não se podem imaginar nem reconstruir. É urgente a economia da arte. Precisamos de trabalhar menos horas, de produzir menos e de aprender a viver com o suficiente.

A economia da dívida, como a descreve Maurizio Lazzarato, condena e moraliza o ser humano ao pagamento de dívidas infinitas. Hoje, quem mais quem menos, somos todos pagadores de dívidas, soberanas, familiares, pessoais... O padrão de felicidade a que somos educados e amarrados não só é insustentável e doentio como desnecessário.

Sem tempo presente e futuro, a humanidade vive hoje para pagar a credores dívidas infinitas. Direitos e deveres fundamentais privatizam-se e fazem-se depender da capacidade empreendedora de cada um. Hoje somos todos obrigados a ser patrões, empreendedores de nós mesmos, e ai de quem o não consiga ser.

É criação estrutural do atual sistema de governo neoliberal a falácia do empreendedorismo e a perversidade das organizações de virtudes altruístas de que falava Oscar Wilde, que apenas conseguem manter os pobres vivos e entretê-los, sem que deixem de ser pobres. Os bancos alimentares são disso exemplo. A razão por que os pobres se devem apoiar não é porque são pessoas como nós, porque faz bem a empatia e um certo sentimentalismo humanista, mas porque nós não somos como nós, porque é dever ético fazê-lo, se queremos ser pessoas decentes.

Se o acolhimento e total abertura de fronteiras ou o seu oposto não são soluções, sendo ambas piores, como o defende Slavoj Žižek, quando se aborda a questão dos refugiados, então também o não são os subsídios ou o seu corte, quando falamos de pobreza. Tal como a Europa precisa urgentemente de se perguntar quem quer ser ou o quem querem ser os europeus, também Portugal, na abordagem do fenómeno da pobreza, precisa de se perguntar quem quer ser ou o quem querem ser os portugueses, os residentes que vivem em território nacional.

* PhD - Universidade de Londres: sócio-fundador da revista de rua e Associação CAIS, líder-fundador da Universos (2002) e da IMPOSSIBLE - Passionate Happenings (2015); líder do Movimento Pobreza Ilegal; docente da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; autor e editor de várias obras e artigos e ocasional comentador de TV e rádio.

O verdadeiro problema da Europa e de Portugal é ideológico e político. Aqui os refugiados e os pobres não são o verdadeiro inimigo, mas o populismo anti-imigração e os que defendem que os pobres são todos uns parasitas, preguiçosos, gente que não quer trabalhar.

É urgente desligar a alegria do que se tem. Os africanos de Mathari Valley (Nairobi), no Kenya, com quem tive a graça de viver, não querem, como futuro, as barracas onde vivem, feitas de lama, de telhados de cinco, sem água potável, saneamentos, de chãos de terra batida. Mas a alegria nos olhos e sorrisos das crianças e adultos não se faz depender da sua circunstância. A alegria tem ainda hoje raízes na brincadeira com outras crianças, nas relações de cooperação entre adultos, na comunidade a que se pertence.

Pelo humano como Obra de Arte não significa, numa errada leitura de Michel Foucault, deixar de comprar coisas para nos consumirmos a nós através da aquisição das mais variadas experiência pessoais, de comida, sexo, turismo, voluntariado, espiritualidade, entre tantas outras. A obra de arte a que somos chamados pelo tempo não entende ser aqui o resultado de experiências de puro hedonismo, mas ser que é tempo, estilo de vida, resposta aos desafios presentes e futuros.

Em Portugal a alegria anda triste, infeliz.

É urgente tornar consciente a condição neoliberal do ser humano, a hipoteca e a pobreza dos sem tempo, e descobrir, questionando a correria competitiva atual sobretudo pela via das artes, formas de recuperação do tempo que é fundamental à imaginação e recriação de cada um como Obra de Arte, na resposta às solicitações e desafios da história.

É urgente romper com a economia da dívida, e trabalhar, para que o mundo que venha a suceder ao mundo do pensamento seja o mundo da JUSTIÇA PARA TODOS, o quarto mundo, no materialismo especulativo de Quentin Meilllassoux.

Não sei se a moeda que serve as transações comerciais e a moeda capital vão durar para sempre. Mas caso viessem a desaparecer, em Portugal já têm um Museu onde podem ser conhecidas. Tornar a pobreza uma IMPOSSIBILIDADE, disponível apenas nos seus traços, num Museu que pudesse até chamar-se Museu da Pobreza, é o que move todos os dias a Impossible e o seu Movimento Pobreza Ilegal.

